



Investigando o Crescimento Proveniente do Enfrentamento de Adversidades: Evidências de Validade da Versão Brasileira do Inventário de Crescimento Pós-Traumático

João Oliveira Cavalcante Campos

Porto Alegre, março de 2017

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Investigando o Crescimento Proveniente do Enfrentamento de Adversidades: Evidências de Validade da Versão Brasileira do Inventário de Crescimento Pós-Traumático

João Oliveira Cavalcante Campos

Dissertação de Mestrado apresentada como exigência parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, sob orientação Prof^a. Dr^a. Clarissa Marcell Trentini e co-orientação da Prof^a. Dr^a. Micheline Roat Bastianello

Porto Alegre, março de 2017

Agradecimentos

Há muitas pessoas que de uma forma ou de outra contribuíram para a conclusão de mais uma etapa na minha vida acadêmica, profissional e pessoal (pois acontecem de modo integrado). Esse momento, certamente, é fruto de esforço, persistência e dedicação. Um momento de vitória que merece ser celebrado. Para a celebração ser completa é de suma importância reconhecer quem nos possibilitou chegar até aqui. Como diz a frase de autor desconhecido “Se cheguei até onde cheguei foi por que me apoiei nos ombros de gigantes”.

Nesse sentido, quero agradecer primeiramente aos meus pais, Pádua Campos e Márcia Campos, pelo dom da vida, pelo forte exemplo de estudo e trabalho, e por todo o apoio incondicional aos meus estudos ao longo da minha trajetória.

Quero agradecer também a minha esposa Clara Cela, mulher da minha vida e companheira de trajetória acadêmica, que decidiu encarar comigo essa empreitada no sul do Brasil, pela paciência e companheirismo. Também não poderia deixar de lembrar de seus pais, Izolda Cela e Clodoveu Arruda, por nos apoiarem e também acreditarem nos nossos projetos e sonhos.

À Dr^a Clarissa Trentini, minha orientadora, por acreditar em mim e me dar liberdade para alçar voos acadêmicos e ajudar a concretizá-los. À Dr^a Micheline Bastianello, por compartilhar comigo sua experiência em pesquisa e trazer boas contribuições para o projeto.

Aos professores membros da banca de qualificação e de defesa, Dr. Bruno Damásio, Dr^a Caroline Reppold, Dr. Eduardo Remor e Dr. Gustavo Gauer, por se debruçarem com dedicação e darem excelentes contribuições para o aperfeiçoamento do trabalho e para o meu aprendizado.

Ao colega Thiago Loreto pela disponibilidade em compartilhar comigo a sua experiência enquanto pesquisador desse tema. Suas contribuições agregaram muito ao presente trabalho.

Aos colegas do grupo de pesquisa e aos colegas de mestrado, pela boa convivência, troca de experiência e aprendizado mútuo ao longo dessa jornada.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), agência fomentadora da pesquisa científica brasileira, pelo fundamental apoio financeiro.

Por fim, quero agradecer a Deus por ser fonte de força e renovação para seguir em frente e enfrentar os desafios da vida e vencer.

*Out of suffering have emerged the strongest souls;
The most massive characters are seared with scars.*
(Khalil Gibran)

Sumário

Agradecimentos	3
Resumo	6
Abstract.....	7
Introdução	8
Referências:	14
CONSIDERAÇÕES FINAIS	17

Resumo

Crescimento pós-traumático (CPT) refere-se à mudança positiva em algum aspecto da experiência humana como resultado do enfrentamento de situações adversas (traumáticas ou crises de vida em geral). O objetivo geral do presente trabalho foi investigar em uma amostra brasileira as propriedades psicométricas da Versão Brasileira do Inventário de Crescimento Pós-Traumático (*Brazilian Version of the Posttraumatic Growth Inventory – PTGI-B*), instrumento que se propõe a mensurar CPT. Para isso, dois estudos distintos foram realizados. O Estudo I buscou investigar a estrutura fatorial do PTGI-B. Participaram dele 321 pessoas que passaram por situações adversas variadas. A estrutura fatorial do PTGI-B foi investigada através do método de análise fatorial confirmatória. Testou-se cinco diferentes modelos de estrutura fatorial. A estrutura convencional de cinco fatores apresentou melhores índices de ajuste quando comparada às demais. Além disso, o modelo de cinco fatores de primeira ordem organizados em torno de um fator geral de segunda ordem também mostrou índices de ajuste adequados. O Estudo II buscou avaliar se as evidências de validade externa da Versão Brasileira do Inventário de Crescimento Pós-Traumático (PTGI-B) são mais consistentes quando se compara os resultados de um subgrupo pontuou alto na Escala de Centralidade de Eventos (ECE) versus os resultados do subgrupo que pontuou baixo na ECE - que avalia em que medida o evento de referência contribuiu na formação da identidade dos indivíduos. Participaram do estudo 317 pessoas que passaram por situações adversas variadas. Investigou-se a relação entre crescimento pós-traumático, suporte social, sentido de vida, satisfação com a vida, religiosidade e desajuste psicológico. As correlações entre CPT e as demais variáveis de interesse mostraram-se maiores e mais coerentes no subgrupo que pontuou alto na ECE do que no subgrupo que pontuou baixo. Os resultados obtidos fortalecem a concepção de que apenas eventos que levam a uma reavaliação das crenças centrais dos indivíduos devem ser incluídos nos estudos de CPT.

Palavras-chave: Inventário de Crescimento Pós-Traumático; evidências de validade; análise fatorial confirmatória; estrutura fatorial; centralidade de eventos.

Abstract

Posttraumatic growth (PTG) refers to the positive change in some aspect of the human experience as a result of facing adverse situations (traumatic or general life crisis). The main goal of the present study was to investigate the psychometric properties of the Brazilian Version of the Posttraumatic Growth Inventory (PTGI-B). To address this purpose, two distinct studies were performed. Study I was aimed to investigate the factor structure of the PTGI-B. It involved 321 people who had been through a wide range of adverse situations. The factorial structure of the PTGI was investigated using the method of confirmatory factorial analysis. Five different models of factorial structure were tested. The conventional five factor structure presented better adjustment indices when compared to the others. However, the factorial structure of five first order factors organized around a second order global PTG factor was also adequate. Study II intended to assess whether evidence of the external validity of the Brazilian Version of the Post Traumatic Growth Inventory (PTGI-B) is more consistent when considering the events in which individuals scored high versus individuals who scored low on the Centrality of Events Scale (ECE). The ECE assesses to what extent the reference event contributed to the formation of individuals' identity. A total of 317 people who had been through a variety of adverse events participated in the study. It was investigated the relationship between posttraumatic growth, social support, meaning in life, life satisfaction, religiosity and psychological distress. The correlations between PTGI-B scores and the other variables of interest became larger and more theoretically coherent in the subgroup that scored high in ECE than in the subgroup that scored low. The results obtained strengthen the conception that only events that lead to a reassessment of individuals' central beliefs should be included in the PTG studies.

Keywords: Posttraumatic Growth Inventory; validity evidence; confirmatory factor analysis; factor structure; event centrality.

Introdução

Ao longo das últimas décadas, o campo da psicologia que estuda o trauma tem voltado a sua atenção para o entendimento dos desfechos positivos decorrentes do enfrentamento de adversidades. Apesar dos possíveis efeitos psicológicos negativos de tais eventos terem sido bem documentados na literatura, atualmente, não se pode negar que, para algumas pessoas, eles também podem servir como um marco de profundas mudanças positivas e crescimento psicológico. Nesse contexto, não se deve pressupor de modo superficial que tais pessoas não foram abaladas ao enfrentarem situações extremamente adversas. Mas que, mesmo tendo sido afetados, no processo de lidar com suas perdas, alguns indivíduos encontraram um nível de sentido na sua vida que não tinham antes, mudam a sua filosofia de vida, o seu modo de ver a si mesmos e de se relacionar com o mundo.

Com o objetivo de entender esse tipo de fenômeno, diversos construtos foram desenvolvidos, como crescimento relacionado ao estresse (*stress-related growth*), benefício encontrado (*benefit-finding*), benefício percebido (*perceived benefits*), mudanças psicológicas positivas (*positive psychological changes*), subprodutos positivos (*positive by-products*), florescimento (*flourishing*), ajustamento positivo (*positive adjustment*) e adaptação positiva (*positive adaptation*) (Linley & Joseph, 2008; Ramos & Leal, 2013; Tedeschi & Calhoun, 2004). Segundo Sheikh (2008), geralmente, eles trazem consigo um paradoxo: de um lado há o enfrentamento de uma situação seriamente adversa e do outro o desenvolvimento de um maior senso de valor pessoal e de valorização da vida pelo indivíduo. No entanto, cada um deles parece descrever de determinada perspectiva nuances do fenômeno. O termo crescimento pós-traumático (CPT) é um dos construtos amplamente utilizados em estudos nesse contexto. A palavra “crescimento”, enfatiza que trata-se de algo real e não uma ilusão perceptiva; e a palavra pós-traumático, destaca que esse tipo de fenômeno é decorrente do enfrentamento de situações vivenciadas como extremamente adversas (Tedeschi & Calhoun, 2004).

Tedeschi e Calhoun (2004) desenvolveram um modelo explicativo do processo no qual o CPT aconteceria. De acordo com esse modelo, um trauma seria uma situação adversa que confrontou fortemente os esquemas cognitivos fundamentais do indivíduo, que estão relacionados diretamente a sua maneira de entender o mundo, a si mesmo e o seu lugar nele. Esse impacto levaria a um processamento cognitivo intenso da situação na forma de ruminação intrusiva (pensamentos automáticos disfuncionais). Ao longo do

tempo, como parte do processo de lidar com a situação traumática, gradativamente, o indivíduo passaria a utilizar o processo de ruminação deliberada (submetida à vontade e ao controle consciente), para elaborar a situação e integrá-la a sua história de vida. Nesse sentido, o ato de relatar a situação traumática através da fala, da escrita ou mesmo de orações, assim como a busca por suporte social, contribuiria para tal processo. Dessa maneira, se construiria aos poucos um novo esquema cognitivo mais complexo capaz de incorporar a situação sísmica e uma nova narrativa se desenvolveria.

Em alguns estudos, o CPT tem sido associado a algumas variáveis sócio demográficas como sexo, idade, renda, escolaridade e gravidade percebida da situação enfrentada. Nesse sentido, os seus resultados apontam que as mulheres tendem a apresentar maiores níveis de CPT do que os homens e que as pessoas mais novas tendem a relatar níveis maiores de CPT quando comparadas a pessoas mais velhas (Helgeson, Reynolds, & Tomich, 2006). Alguns estudos sugeriram ainda que o CPT tende a ser relacionado a maiores níveis econômicos, níveis educacionais e a percepção da gravidade da situação enfrentada (Linley & Joseph, 2004).

Quanto a sua relação com outros construtos psicológicos, na literatura, alguns resultados aparecem de modo controverso e pouco consensual. No que se refere a relação entre CPT e fatores de personalidade, segundo o modelo *Big Five*, apesar de poucos estudos disponíveis na literatura (Jayawickreme & Blackie, 2014), os resultados do estudo de Tedeschi e Calhoun (1996) indicaram uma correlação positiva pequena entre CPT, extroversão e abertura para a experiência. No que se refere a estratégias de *coping*, a literatura aponta a existência de correlações positivas entre CPT e reavaliação positiva, *coping* religioso ou espiritual, busca por suporte social e estratégia focada no problema e estratégia focada na emoção (Linley & Joseph, 2004; Prati & Pietrantonio, 2009).

Quanto a relação entre CPT e variáveis de saúde mental, na maioria dos estudos presentes na revisão da literatura realizada por Zoellner e Maercker (2006), não se obteve correlações significativas entre CPT e depressão. Uma exceção foi o estudo conduzido por Frazier, Colon e Glaser (2001) com uma amostra de vítimas de assédio sexual, também contido na revisão mencionada, que obteve correlação alta entre ambas as variáveis; A revisão da literatura realizada por Helgeson et al. (2006) também revelou resultados pouco expressivos e inconsistentes acerca da relação entre estresse, ansiedade, depressão e CPT. Quando se busca entender a relação entre CPT e construtos relacionados ao bem estar psicológico (como satisfação com a vida, sentido de vida, gratidão, qualidade de vida e relacionamentos positivos), problemas semelhantes são encontrados

na literatura, no que se refere a correlações não significativas ou inexpressivas (Patricia Frazier et al., 2009; Helgeson et al., 2006).

Esse contexto, marcado por resultados controversos na área de estudo de CPT e pela própria dificuldade de se mensurar esse tipo de fenômeno complexo, levou a alguns autores a questionarem a legitimidade desse construto, argumentando que não representaria um crescimento real, mas apenas uma ilusão perceptiva (Cho & Park, 2013; Patricia Frazier et al., 2009). No entanto, outros autores consideram-no um construto legítimo, respaldado inclusive por estudos que encontraram correlações positivas entre CPT e a observação por terceiros de mudanças comportamentais positivas em pessoas que passaram por situações traumáticas (Shakespeare-Finch & Barrington, 2012). De qualquer modo, com base na falta de consenso em alguns achados da literatura, é notório o desafio de se estudar esse fenômeno de modo científico.

De forma geral, o CPT tem sido mensurado por meio de instrumentos de auto relato de caráter retrospectivo, nos quais o indivíduo elege uma situação estressora ou traumática que vivenciou e, em seguida, avalia o quanto cresceu em decorrência de ter enfrentado aquela situação. Os instrumentos de auto relato, assim como qualquer estratégia de pesquisa tem as suas potencialidades e limitações que foram abordadas por Paulhus & Vazire (2007). Quando se trata de avaliar o CPT, por ser uma medida retrospectiva, o processo cognitivo de avaliação por parte do indivíduo torna-se um pouco mais complexo. Ele precisa remeter-se a uma situação específica do passado, avaliar como era a sua condição naquele momento (em relação as dimensões investigadas), compará-la com a sua condição presente nas mesmas dimensões e discriminar o quanto daquela mudança foi decorrente do enfrentamento da situação adversa (Patricia Frazier et al., 2009). Essa operação cognitiva pode ser particularmente problemática se o evento não foi experienciado como realmente significativo para o respondente (Johnson & Boals, 2015).

Segundo Boals, Steward e Schuettler (2010), uma das possíveis razões para a inconsistência nos achados na literatura é o fato dos estudos terem incluído eventos inapropriados, ou seja, eventos que não foram significativos do ponto de vista psicológico para o indivíduo. A inclusão de tais indivíduos em estudos na área podem levar ao enfraquecimento do tamanho das correlações entre CPT e outras variáveis psicológicas ou a resultados inconsistentes ao se comparar os achados de diferentes estudos (Johnson & Boals, 2015). Nesse sentido, os autores sugerem que, nos estudos que investigam CPT, se considere a centralidade da memória autobiográfica do evento de referência para o

indivíduo (Berntsen & Rubin, 2006). Esse construto diz respeito ao quanto ter experienciado o evento em questão contribuiu para a formação da identidade do indivíduo. Achados recentes na literatura apontaram que quando se considera apenas as respostas das pessoas que passaram por situações adversas com alta centralidade, as correlações entre CPT e variáveis de saúde mental tornam-se estatisticamente significativas, mais expressivas e coerente do ponto de vista teórico, notadamente para as variáveis ansiedade, estresse e depressão (Boals et al., 2010; Johnson & Boals, 2015). O mesmo ocorreu quando se realizou o mesmo procedimento em relação as variáveis de bem estar psicológico (gratidão, relacionamentos positivos, satisfação com a vida, religiosidade e sentido de vida) (Johnson & Boals, 2015). Tais achados são bastante recentes. É fundamental que estudos semelhantes sejam realizados em novos contextos, possibilitando a investigação dessa perspectiva bastante promissora para os avanços na área.

O CPT tem sido mensurado principalmente através do Inventário de Crescimento Pós-Traumático (PTGI), desenvolvido por Tedeschi e Calhoun (1996), que, de forma geral, apresenta boas propriedades psicométricas. No estudo original (Tedeschi & Calhoun, 1996), o instrumento apresentou adequada consistência interna ($\alpha = 0,90$), adequada fidedignidade teste-reteste e escores não correlacionados a desejabilidade social. O PTGI revelou-se um instrumento multifatorial, cada fator representando uma dimensão na qual o CPT ocorreria: Relacionamento com os Outros, Novas Possibilidades, Força Pessoal, Apreciação pela Vida e Mudança Espiritual (Calhoun & Tedeschi, 2006). No que se refere à dimensão Relacionamento com os Outros, o indivíduo pode passar a valorizar mais os seus relacionamentos, perceber quem realmente importa em sua vida ou passar a sentir mais compaixão pelo sofrimento dos outros. No que se refere à Novas Possibilidades, o indivíduo pode passar a adotar novos valores em sua vida e se dedicar a causas que antes não faziam, mas que passaram a os mobilizar fortemente. Quanto à Força Pessoal, o sujeito passa a perceber-se como mais forte do que se imaginava, a descobrir em si habilidades por ele antes desconhecidas ou a sentir-se mais preparado para enfrentar novos desafios da vida. Em relação à Apreciação pela Vida, o indivíduo passa a valorizar mais cada momento e a mudar de prioridades quanto ao que realmente importa. Por fim, a dimensão Mudança Espiritual diz respeito ao despertar do interesse por questões existenciais ou espirituais, independentemente de afiliação religiosa.

O instrumento tem sido utilizado em indivíduos que passaram por uma ampla variedade de situações estressoras ou traumáticas e tem sido traduzido para diversos idiomas (Baillie, Sellwood, & Wisely, 2014; Bluvstein, Moravchick, Sheps, Schreiber, & Bloch, 2013; Cadell, Suarez, & Hemsworth, 2015; Konkoly Thege, Kovács, & Balog, 2014; Lev-Wiesel, 2005; Morris, Shakespeare-Finch, Rieck, & Newbery, 2005; Nightigale, Sher, & Hansen, 2010; Schmidt, Blank, Bellizzi, & Park, 2012; Weiss, 2006).

No entanto, diversos estudos investigaram a estrutura fatorial do instrumento para, por exemplo, a realização de adaptações transculturais dele ou para o seu uso em amostras específicas. Nesse sentido, entende-se que tanto questões culturais ou mesmo o tipo de situação enfrentada pelos participantes podem influenciar na estrutura fatorial obtida.

No Brasil, o instrumento foi adaptado e validado por Silva (2016) em uma amostra de 300 estudantes universitários. Nesse trabalho, obteve estrutura fatorial do instrumento semelhante a original e bons indicadores psicométricos. Na versão final do instrumento (Versão Brasileiro do Inventário de Crescimento Pós-Traumático – PTGI-B), permaneceram 18 itens dos 21 presentes na versão original (Tedeschi & Calhoun, 1996). Como os estudos sobre CPT ainda são incipientes no país, faz-se necessária, dentre outras evidências de validade, a investigação da estrutura fatorial do instrumento (PTGI-B). O presente estudo buscou investigar numa amostra brasileira que passou situações adversas heterogêneas qual a estrutura fatorial do PTGI que melhor se adequa aos dados. Para isso foram testados cinco modelos que são mais bem fundamentados do ponto de vista teórico e empírico: o modelo de um fator, o modelo de três fatores (simples e com um fator geral de segunda ordem) e o modelo de cinco fatores (simples e com um fator de segunda ordem).

O primeiro deles, descrito anteriormente, seria o modelo em que o PTGI abrangeria as cinco dimensões anteriormente mencionadas: Relacionamento com os Outros, Novas Possibilidades, Força Pessoal, Apreciação pela Vida e Mudança Espiritual (Tedeschi & Calhoun, 1996). O modelo de três fatores contempla as dimensões: Auto Percepção, Relacionamentos com os Outros e Filosofia de Vida (Calhoun & Tedeschi, 1999; Schaefer & Moss, 1992; Tedeschi & Calhoun, 1995). A dimensão Auto Percepção refere-se a um maior senso de força pessoal ou de autoconfiança, acompanhadas de novas possibilidades ou caminhos de vida. Já as mudanças na Filosofia de Vida envolvem uma maior apreciação por cada dia, podendo incluir um maior interesse em questões espirituais ou existenciais. A dimensão Relacionamento com os Outros abrange um aumento nos níveis de compaixão ou altruísmo ou um maior senso de

proximidade nos relacionamentos, semelhante ao que foi descrito nessa dimensão no modelo anterior. Devido as subescalas dos modelos anteriores serem altamente correlacionadas e de forma consistente (Cobb, Tedeschi, Calhoun, & Cann, 2006; Sheikh & Marotta, 2005; Tedeschi & Calhoun, 1996), desenvolveu-se a hipótese de que o CPT poderia ser um construto unidimensional ou que as dimensões do modelo de três fatores ou de cinco fatores se organizariam em torno de uma dimensão geral de CPT de segunda ordem. Essa visão foi favorecida pelo fato de diversos estudos utilizarem apenas uma dimensão geral de CPT em suas análises (Groleau, Calhoun, Cann, & Tedeschi, 2013; Peterson, Park, Pole, D'Andrea, & Seligman, 2008; Scignaro, Barni, & Magrin, 2011).

A presente dissertação, composta por dois estudos, se propôs a investigar as propriedades psicométricas da Versão Brasileira Inventário de Crescimento Pós-Traumático (Silva, 2016). No Estudo I, localizado no Capítulo I, investigou-se a estrutura fatorial do instrumento através do método de análise fatorial confirmatória. Testou-se os cinco modelos mais bem fundamentados na literatura, obteve-se as correlações entre os fatores do melhor modelo e o coeficiente alfa para a escala global e suas subescalas. No Estudo II, contido no Capítulo II, foi investigado se as correlações entre o PTGI e as variáveis relacionadas ao bem-estar psicológico (sentido de vida, satisfação com a vida, suporte social e religiosidade intrínseca) e a desajuste psicológico (estresse, ansiedade e depressão) são mais expressivas e coerentes do ponto de vista teórico quando se considera o subgrupo que pontuou alto na Escala de Centralidade de Eventos (ECE) em comparação com o subgrupo que pontuou baixo. A ECE avalia em que medida o evento de referência contribuiu na formação da identidade dos indivíduos. Por fim, algumas questões gerais relevantes foram abordadas nas considerações finais.

Referências:

- Baillie, S. E., Sellwood, W., & Wisely, J. a. (2014). Post-traumatic growth in adults following a burn. *Burns*, 40(6), 1089–1096. <http://doi.org/10.1016/j.burns.2014.04.007>
- Berntsen, D., & Rubin, D. C. (2006). The centrality of event scale: A measure of integrating a trauma into one's identity and its relation to post-traumatic stress disorder symptoms. *Behaviour Research and Therapy*, 44(2), 219–231. <http://doi.org/10.1016/j.brat.2005.01.009>
- Bluvstein, I., Moravchick, L., Sheps, D., Schreiber, S., & Bloch, M. (2013). Posttraumatic Growth, Posttraumatic Stress Symptoms and Mental Health Among Coronary Heart Disease Survivors. *Journal of Clinical Psychology in Medical Settings*, 20(2), 164–172. <http://doi.org/10.1007/s10880-012-9318-z>
- Boals, A., Steward, J. M., & Schuettler, D. (2010). Advancing Our Understanding of Posttraumatic Growth by Considering Event Centrality. *Journal of Loss and Trauma*, 15(6), 518–533. <http://doi.org/10.1080/15325024.2010.519271>
- Cadell, S., Suarez, E., & Hemsworth, D. (2015). Reliability and Validity of a French Version of the Posttraumatic Growth Inventory. *Open Journal of Medical Psychology*, 4, 53–65. <http://doi.org/10.1177/1049731505281374>
- Calhoun, L. G., & Tedeschi, R. G. (1999). *Facilitating posttraumatic growth: A clinician's guide*. Mahwah, New Jersey: Erlbaum.
- Calhoun, L. G., & Tedeschi, R. G. (2006). The Foundations of Posttraumatic Growth: An Expanded Framework. In L. G. Calhoun & R. G. Tedeschi (Eds.), *Handbook of Posttraumatic Growth* (pp. 3–23). Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publisher.
- Cho, D., & Park, C. L. (2013). Growth Following Trauma : Overview and Current Status Crecimiento tras el trauma : Revisión general y estado actual. *Terapia Psicológica*, 31, 69–79. <http://doi.org/10.4067/S0718-48082013000100007>
- Cobb, A. R., Tedeschi, R. G., Calhoun, L. G., & Cann, A. (2006). Correlates of posttraumatic growth in survivors of intimate partner violence. *Journal of Traumatic Stress*, 19, 895–903.
- Frazier, P., Colon, A., & Glaser, T. (2001). Positive and negative life changes following sexual assault. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 69, 1048–1055.
- Frazier, P., Tennen, H., Gavian, M., Park, C., Tomich, P., & Tashiro, T. (2009). Does self-reported posttraumatic growth reflect genuine positive change? *Psychological Science*, 20(7), 912–919. <http://doi.org/10.1111/j.1467-9280.2009.02381.x>
- Groleau, J. M., Calhoun, L. G., Cann, A., & Tedeschi, R. G. (2013). The role of centrality of events in posttraumatic distress and posttraumatic growth. *Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy*, 5(5). <http://doi.org/10.1037/a0028809>
- Helgeson, V. S., Reynolds, K. A., & Tomich, P. L. (2006). A meta-analytic review of benefit finding and growth. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 74, 797–816.
- Jayawickreme, E., & Blackie, L. (2014). Posttraumatic Growth as Positive Personality Change: Evidence, Controversies and Future Directions, 331, 312–331. <http://doi.org/10.1002/per.1963>
- Johnson, S. F., & Boals, A. (2015). Refining Our Ability to Measure Posttraumatic Growth. *American Psychological Association*, 7(5), 422–429.
- Konkolý Thege, B., Kovács, É., & Balog, P. (2014). A bifactor model of the Posttraumatic Growth Inventory. *Health Psychology and Behavioral Medicine*, 2(1), 529–540. <http://doi.org/10.1080/21642850.2014.905208>
- Lev-Wiesel, R. (2005). Posttraumatic Growth Among Female Survivors of Childhood

- Sexual Abuse in Relation to The Perpetrator Identity. *Journal of Loss and Trauma*, 10(1), 7–17. <http://doi.org/10.1080/I532502049089060G>
- Linley, A., & Joseph, S. (2008). Psychological Assessment of Growth Following Adversity: A Review. In A. Linley & S. Joseph (Eds.), *Trauma, Recovery, and Growth: Positive Psychological Perspectives on Posttraumatic Stress* (pp. 22–36). New Jersey: John Wiley & Sons.
- Linley, A. P., & Joseph, S. (2004). Positive Change Following Trauma and Adversity: A Review. *Journal of Traumatic Stress*, 17(1), 11–21. <http://doi.org/10.1023/B>
- Morris, B. a., Shakespeare-Finch, J., Rieck, M., & Newbery, J. (2005). Multidimensional nature of posttraumatic growth in an Australian population. *Journal of Traumatic Stress*, 18(5), 575–585. <http://doi.org/10.1002/jts.20067>
- Nightigale, V. R., Sher, T. G., & Hansen, N. B. (2010). The Impact of Receiving an HIV Diagnosis and Cognitive Processing on Psychological Distress and Posttraumatic Growth. *Journal of Traumatic Stress*, 23(4), 452–460. <http://doi.org/10.1002/jts>.
- Paulhus, D.L., Vazire, S. (2007). The Self-Report Method. In R. W. Robins, R. Fraley, & R. F. Krueger (Eds.), *Handbook of research methods in personality psychology* (pp. 224–239). New York: Guilford Press.
- Peterson, C., Park, N., Pole, N., D’Andrea, W., & Seligman, M. (2008). Strength of character and posttraumatic growth. *Journal of Traumatic Stress*, 21(2), 214–217. <http://doi.org/10.1002/jts>.
- Prati, G., & Pietrantonio, L. (2009). Optimism, Social Support, and Coping Strategies as Factors Contributing to Posttraumatic Growth: A Meta-analysis. *Journal of Loss and Trauma*, 14(5), 364–388.
- Ramos, C., & Leal, I. (2013). Posttraumatic Growth in the Aftermath of Trauma: A Literature Review About Related Factors and Application Contexts. *Psychology, Community & Health*, 2(1), 43–54. <http://doi.org/10.5964/pch.v2i1.39>
- Schaefer, J. A., & Moss, R. H. (1992). Life crises and personal growth. In N. B. Carpenter (Ed.), *Personal coping: Theory, reserach, and application* (pp. 149–170). Westport, CT: Praeger.
- Schmidt, S. D., Blank, T. O., Bellizzi, K. M., & Park, C. L. (2012). The relationship of coping strategies, social support, and attachment style with posttraumatic growth in cancer survivors. *Journal of Health Psychology*, 17(7), 1033–1040. <http://doi.org/10.1177/1359105311429203>
- Scrignaro, M., Barni, S., & Magrin, M. E. (2011). The Combined Contribution of Social Support and Coping Strategies in Predicting Post-traumatic Growth: a Longitudinal Study on Cancer patients. *Psycho-Oncology*, 20, 823–831. <http://doi.org/10.1002/pon.1782>
- Shakespeare-Finch, J., & Barrington, A. (2012). Behavioural Changes Add Validity to the Construct of Posttraumatic Growth. *Journal of Traumatic Stress*, 25, 433–439. <http://doi.org/10.1002/jts>.
- Sheikh, A. (2008). Posttraumatic growth in trauma survivors: Implications for practice. *Counseling Psychology Quarterly*, 21(1), 85–97.
- Sheikh, A. I., & Marotta, S. A. (2005). A cross-validation study of Posttraumatic Growth Inventory. *Measurement and Evaluation in Counseling and Development*, 38(2), 66–77.
- Tedeschi, G. R., & Calhoun, G. L. (1996). The Posttraumatic Growth Inventory: Measuring The Positive Legacy of Trauma. *Journal of Traumatic Stress*, 9(3), 455–471. [http://doi.org/0894-9867/96/0700-0455\\$09.50/1](http://doi.org/0894-9867/96/0700-0455$09.50/1)
- Tedeschi, R. G., & Calhoun, L. G. (1995). *Trauma and Transformation: Growing in the Aftermath os Suffering*. Thousand Oaks, CA: Sage.

- Tedeschi, R. G., & Calhoun, L. G. (2004). Posttraumatic Growth: Conceptual Foundations and Empirical Evidence. *Psychological Inquiry*, 15(1), 1–18.
- Weiss, T. (2006). Reliability and Validity of a Spanish Version of the Posttraumatic Growth Inventory. *Research on Social Work Practice*, 16(2), 191–199. <http://doi.org/10.1177/1049731505281374>
- Zoellner, T., & Maercker, A. (2006). Posttraumatic growth in clinical psychology - A critical review and introduction of a two component model. *Clinical Psychology Review*, 26(5), 626–653. <http://doi.org/10.1016/j.cpr.2006.01.008>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação teve como objetivo investigar as propriedades psicométricas da Versão Brasileira do PTGI, de modo a fornecer evidências quanto a sua validade e observações relevantes quanto a sua utilização. Dessa forma, estaremos contribuindo para que estudos futuros que busquem investigar o crescimento proveniente do enfrentamento de adversidades possam se desenvolver no país. Essa perspectiva está alinhada com a psicologia positiva, que parte do pressuposto de que é necessário considerar o ser humano em sua totalidade, e, nesse sentido, os aspectos positivos da experiência humana não devem ser descartados, mesmo quando o mesmo está diante do enfrentamento de uma situação altamente estressora ou traumática. O desenvolvimento dessa perspectiva pode ser particularmente relevante em profissionais da saúde, para que se tenha uma abertura para perceber e fortalecer aspectos positivos relacionados a experiência do enfrentamento do paciente.

A presente dissertação contribuiu primeiramente por tratar no âmbito nacional de uma temática ainda incipiente aqui no Brasil, mas que tem sido discutida amplamente nos últimos 20 anos em contexto internacional. Nesse sentido, nela se abordou questões teóricas relevantes na área, através de referências atuais. Especificamente, no Capítulo I, tratou-se de como a estrutura fatorial do PTGI tem sido investigada em diversos estudos. Em seguida, testou-se os modelos teóricos mais bem fundamentados do ponto de vista empírico e teórico. O modelo original de cinco fatores prevaleceu sobre os demais, indicando que o PTGI-B é uma escala multidimensional, com destaque para os fatores: Relacionamento com os Outros, Novas Possibilidades, Força Pessoal, Mudança Espiritual e Apreciação pela Vida. Os resultados indicaram que o modelo de cinco fatores organizados em torno de um fator de CPT geral de segunda ordem também mostrou-se adequado. Desse modo, pode-se utilizar tanto um fator geral de CPT quando as suas subdimensões nas análises dos escores do instrumento.

Em relação ao Capítulo II, nele comparou-se as correlações entre o PTGI e variáveis de bem-estar psicológico (sentido de vida, satisfação a vida, suporte social e religiosidade intrínseca) e saúde mental (estresse, ansiedade e depressão) no subgrupo que pontuou alto na ECE versus no subgrupo que pontuou baixo. As correlações entre CPT e as demais variáveis de interesse mostraram-se maiores e mais coerentes no subgrupo que pontuou alto na ECE. Os resultados obtidos fortalecem a concepção de que

apenas eventos que levam a uma reavaliação das crenças centrais dos indivíduos devem ser incluídos nos estudos de CPT.

De modo geral, o presente trabalho cumpriu com os seus objetivos, pois forneceu novas evidências de validade do PTGI no contexto brasileiro. No entanto, é importante que algumas de suas limitações sejam consideradas, de modo a se ter cautela na interpretação dos resultados. No trabalho como um todo se utilizou uma amostra composta por sujeitos que em sua maioria apresentam ensino superior completo, nesse sentido, fica claro que ela representa uma minoria da população brasileira